

**FACULDADES SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

**DAIANE PACHÊCO MARIANO
NACYRA YIBURI FERNANDES DE LUCENA**

**AUTISMO NA ESCOLA: OS DESAFIOS E A NECESSIDADE DA
INCLUSÃO NA SALA DE AULA REGULAR**

Rio de Janeiro

2019

AUTISMO NA ESCOLA: OS DESAFIOS E A NECESSIDADE DA INCLUSÃO NA SALA DE AULA REGULAR

AUTISM IN SCHOOL: CHALLENGES AND THE NEED OF INCLUSION IN THE REGULAR CLASSROOM

Daiane Pachêco Mariano

Autor

Nacyra Yiburi Fernandes de Lucena

Mestre

RESUMO

Baseada no processo de inclusão do Transtorno Espectro Autista na sala de aula regular, o tema desta pesquisa visa investigar e analisar os desafios e a necessidade da inclusão. Acreditando que todos os alunos precisam ser inclusos apesar de suas necessidades. Desta maneira, verificam-se os colaboradores e as práticas fundamentais para que a inclusão ocorra. Para responder esta questão, este trabalho tem como objetivo investigar as ações pedagógicas que possibilitam a inclusão. A metodologia desta pesquisa possui uma abordagem bibliográfica, realizada a partir de várias fontes, como livros, revistas e artigos. Após é feita uma confrontação da teoria com a prática, através de um questionário com uma psicopedagoga, duas professoras regentes de turmas na educação infantil de escolas particulares e duas mães de autistas. A pesquisa bibliográfica e a análise dos questionários mostram as dificuldades encontradas pelos educadores por muitas vezes não terem o apoio da escola e a falta de capacitação dos educadores, contudo, utilizam materiais diferenciados que auxiliam na execução das atividades.

Palavras-chave: Transtorno Espectro Autista , inclusão e ações pedagógicas.

ABSTRACT

Based on the process of inclusion of Autism Spectrum Disorder in the regular classroom, the theme of this research is do investigate and analyze the challenges and the need for inclusion. Believing that all students need to be included despite their needs. In this way, the collaborators and fundamental practices are verified so that inclusion takes place. To answer this question, this work aims to investigate the pedagogical actions that make inclusion possible. The methodology of this research has a bibliographical approach, carried out from several sources, such as books, journals and articles. After a confrontation of the theory with practice, through a questionnaire with a psychopedagogue, two teachers regents of classes in kindergarten in private schools and two mothers of autistics. The bibliographical research and the analysis of the questionnaires show the difficulties encountered by educators who often do not have the support of the school and the lack of training of the educators, however, they use different materials that help in the execution of the activities.

Key-words: Autism Spectrum Disorder, inclusion and pedagogical actions.

1. INTRODUÇÃO:

O autismo é um transtorno de desenvolvimento, que tem a capacidade de comunicação e interação prejudicadas. O indivíduo possui dificuldade de desenvolver habilidades sociais, de comunicação e cognição. Há uma falta de interesse e incapacidade de se relacionar com outras pessoas. Essa dificuldade de interação e relacionamento, passa a sensação de que a criança possui um mundo somente dela e não consegue interagir com o outro.

O autista possui um desenvolvimento peculiar na fala, com repetição de palavras ouvidas, e comportamentos estereotipados que tem como característica, a repetição de movimentos corporais sem intenção específica. Essas dificuldades podem aparecer de diversas formas, em crianças diferentes, e cada caso tem suas particularidades que necessitam de intervenções e cuidados diferentes.

Na Lei Berenice Piana, n.º. 12.764, de 27 de dezembro de 2012, no Brasil, no artigo segundo, inciso III, menciona a necessidade do diagnóstico o quanto antes, o atendimento com diversos profissionais e a inserção de medicamentos e nutrientes. No inciso V, fala da urgência de estímulos para inserir a pessoa autista no mercado de trabalho. Não menos importante, o inciso VII diz sobre o “incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados” no atendimento ao autista.

Visto a necessidade da inclusão escolar verdadeira e de responsabilidade, em 3 de dezembro de 2012, o Conselho Municipal de Educação, pela deliberação número 24, em seu artigo 5º decretou a obrigação de toda instituição escolar de educação infantil conservar em seu quadro definitivo um profissional especializado em educação especial.

Dentro de algumas escolas privadas podem ser encontrados mediadores, que de acordo com a LBI (Lei Brasileira de Inclusão), devem ser escolhidos e remunerados pela própria instituição. Porém, são poucas as escolas que de fato, consentem a interferência desses profissionais. Assim como a prática de inclusão é pouco desenvolvida.

Infelizmente, ainda existem muitos educadores que são frutos da escola tradicional. Profissionais, que ainda têm formas ultrapassadas de ensinar e avaliar.

Existem muitos, que até, em algum momento, sofrem quando se deparam com alunos com necessidades especiais em suas salas de aula.

Logo, por consequência, muitas dessas crianças não são acolhidas, nem recebem o ensino adequado às suas reais necessidades, ficando sem conhecimento, porém, “socializadas” com os alunos sem deficiência, o que seria uma integração. Integração esta, que ainda é muito confundida com a inclusão.

Na integração, o indivíduo, que possui necessidade especial precisa de intervenções para que consiga acompanhar a escola, um trabalho feito com cada indivíduo, e não com a escola. Já na inclusão ocorre o oposto, é feito todo um trabalho voltado para aquele indivíduo, buscando incluí-lo no currículo correto.

Ainda é, uma triste realidade, os alunos autistas serem deixados num cantinho da sala de aula, sem ter qualquer oferta de aprendizagem, uma vez que os profissionais docentes não são devidamente preparados e não sabem lidar com eles.

Diante de tudo que foi exposto, será feita uma identificação e análise, dos desafios e necessidade de inclusão, uma verificação e apontamento dos participantes e práticas fundamentais para o processo de inclusão de alunos autistas na sala de aula regular. Sendo este o tema que conduzirá a presente pesquisa.

O objetivo de uma maneira geral foi a investigação de ações pedagógicas que possibilitem a inclusão do autista na sala de aula regular.

Mais especificamente, foi elaborada uma análise dos principais desafios e a necessidade da inclusão do aluno autista na sala de aula regular; verificação de quem são os colaboradores/participantes fundamentais para que a inclusão ocorra; apontamento das práticas pedagógicas que auxiliam na inclusão.

No Brasil e no mundo, ainda há muitos autistas que sofrem com a segregação social. Nesta perspectiva, observa-se que o primeiro passo para problematizar e impulsionar mudanças que combatam as exclusões, é reconhecer os desafios e a necessidade da inclusão.

De acordo com o Artigo 5º da Constituição Federal: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”, e no Artigo 6º foram estabelecidos os direitos sociais do homem, sendo a educação o primeiro direito citado.

Ainda são poucos os autistas que estão inseridos regularmente em instituições de ensino regular, o que vai de encontro ao que está descrito na Constituição Federal. Os artigos visam que, todos são iguais, e possuem igualmente os mesmos direitos sociais, não sendo diferente com os autistas.

Portanto, esta pesquisa justifica-se pelo fato de que é preciso que haja a inclusão dos autistas na sociedade, e o primeiro passo para que isso ocorra é os inserindo na escola de ensino regular, dando-os a oportunidade de convivência social, sem distinção.

A presente pesquisa possui grande relevância, pois pode contribuir socialmente, profissionalmente e academicamente, de forma geral, para uma melhoria na inclusão do autista no âmbito escolar.

E para que o processo de inclusão se configure infindável, é necessário que exista uma participação coletiva. Pois trata-se de um processo formativo por natureza, que envolve todos os atores, seus desafios e possibilidades, no cotidiano das instituições escolares regulares.

A questão norteadora desta pesquisa é: Quais são as práticas pedagógicas que a escola pode utilizar para desenvolver a inclusão do aluno autista na sala de aula do ensino regular?

Esta questão tem como hipótese, acreditar que na educação escolar, o ponto central é o processo de ensino aprendizagem, e não o resultado. Pois, o resultado pode não corresponder às expectativas, ou talvez, levar um tempo maior para ocorrer.

As práticas pedagógicas devem estar voltadas para aquilo que possui utilidade para o aluno que está aprendendo, atentando-se sempre para a carga afetiva. Pode ser que, para o aluno autista, fazer contas não faça sentido algum, porém relacionar números à datas comemorativas, datas de aniversários, ou à números de telefones, lhe traga algum sentido. Essa pode ser uma prática pedagógica, que leva a um caminho para uma aprendizagem em matemática.

A instituição que possui uma sala de recursos, por exemplo, conseguirá desenvolver nesse aluno, habilidades mais específicas. Porém, a educação necessita ser vivida em sala de aula regular, juntamente com as demais crianças, para que aja a inclusão deste aluno.

A concentração desses alunos é muito reduzida para as atividades pedagógicas. Entretanto, ainda que essa atenção seja escassa, e num tempo mínimo, é preciso ser constante e ter persistência, repetindo tudo diariamente, fazendo uso de ludicidade e de maneira delicada, para obter bons resultados. O aluno necessita de uma educação singular, destacando as mudanças e os aprendizados comportamentais.

A presente pesquisa é de base bibliográfica, e foi composta a partir de diversas fontes, como: artigos, livros, monografias e relatos sobre o assunto abordado no título da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é realizada a fim de gerar conhecimento ao pesquisador sobre as principais teorias de um tema, com o intuito de investigar, elaborar ou esclarecer o objetivo do que está sendo pesquisado.

Num segundo momento, foi feito um comparativo e uma confrontação de dados obtidos entre a teoria e uma pesquisa de campo, realizada através de questionários, como o intuito de responder as questões abordadas pela pesquisa.

Levando em consideração que nem todas as práticas abordadas em sala de aula regular favorecem esses alunos. E conforme visto anteriormente, é necessária uma preparação por parte do professor para atuar na sala de aula com alunos que possuam alguma necessidade especial.

Deste modo, sabendo dos desafios e da necessidade de inclusão desses alunos, será feita uma reflexão sobre as práticas pedagógicas. Esclarecendo que, não existe uma receita pronta, como a de um bolo, por exemplo.

O autismo é uma síndrome que possui sintomas diferentes em cada indivíduo, sendo assim, cada autista tem suas próprias características. A escola precisa ser inclusiva, adequando-se ao aluno, e não apenas integrando-o fisicamente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos atuais estudos sobre autismo, apontam-se os prejuízos da interação desses indivíduos. Entretanto, mesmo diante dos limites do autismo, Bosa; Camargo (2012, p. 2) afirmam que o homem (ser social, em sua essência) tem seu desenvolvimento a partir de sua interação com o meio e seus semelhantes.

[...] proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras crianças da mesma faixa etária possibilita o estímulo às suas capacidades interativas e o desenvolvimento da competência social, fornecendo modelos de interação e evitando o isolamento contínuo.

De acordo com Glat; Pletsch (2012, p. 10) a adaptação de currículo, e o estabelecimento de novas práticas e metodologias são urgentes para o sistema educacional brasileiro.

[...] pode-se afirmar que, mais do que reestruturar práticas e/ ou propor ajustes no currículo – o que é comumente sugerido pelas políticas públicas –, é preciso disponibilizar conhecimentos teórico-práticos e suporte aos profissionais da Educação para que possam realizar mediações pedagógicas que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos, sobretudo daqueles que apresentam necessidades educacionais especiais.

Em seu artigo, Omote (2005, p. 1-2) aponta que para que a inclusão aconteça são necessárias mudanças no ambiente escolar. E uma dessas mudanças é na cultura da instituição, que depende em grande parte, de toda a comunidade escolar e inclusive das famílias dos alunos, que assumem um compromisso com o respeito aos limites e dificuldades de cada um.

A transformação da escola implica em mudanças de vários aspectos, como edificação, mobiliário, recursos didático-pedagógicos, acervo de laboratórios e bibliotecas, currículo e principalmente a mentalidade de toda a comunidade escolar e das famílias de alunos. O meio social representado por diferentes segmentos se constitui em um dos fatores mais decisivos para a construção da educação inclusiva.

Para Bueno (1999, p. 17), há uma necessidade de capacitar professores do ensino regular para que saibam lidar com os alunos de necessidades especiais, e também que os professores que já possuem especialização ampliem seus conhecimentos para um trabalho em equipe dando suporte e apoio aos demais.

Se por um lado, a educação inclusiva exige que o professor do ensino regular adquira formação para fazer frente a uma população que possui características peculiares, por outro, exige que o professor de educação especial amplie suas perspectivas, tradicionalmente centradas nessas características.

Segundo Cunha (2016, p.91) é importante que as questões das práticas pedagógicas estejam contidas no currículo, onde o professor tenha a possibilidade de trabalhar a autonomia, a identidade e a relação social de todos, inclusive do aluno portador de autismo, visando também a importância da transformação da necessidade do aluno em vontade de aprendizagem.

É fundamental que a educação seja centrada prioritariamente no ser humano e não na patologia, tornando indispensável um currículo que transcende as concepções de déficit e torne a prática pedagógica rica em experiências educativas. Transforme as necessidades do autista em amor pelo movimento de aprender e de construir, concedendo-lhe autonomia e identidade.

3. OS DESAFIOS E A NECESSIDADE DA INCLUSÃO

A inclusão é um grande desafio, quando se trata de alunos autistas ou com algum tipo de deficiência. É de extrema importância que o professor esteja capacitado, para que saiba identificar as necessidades desse aluno, e também entender a situação, para que consiga lidar com esse desafio. De acordo com Fación (2008, p.69):

A escolarização de alunos autistas, tanto no sistema regular quanto no especial, propõe desafios constantes ao professor, pois requer que o docente avalie continuamente sua forma de ensinar, devendo, muitas vezes, reformular planejamentos, adaptar recursos de ensino tradicionais e criar estratégias pautadas na necessidade do educando.

Ao falarmos de professor e inclusão nos vemos voltados à adaptação do sistema social e educacional. A adaptação deve ocorrer para que essa criança seja recebida no âmbito escolar. Caso o espaço escolar não esteja apropriado e não possua condições adequadas a essa inclusão, haverá com certeza um prejuízo na aprendizagem deste aluno.

A inclusão tem como base a forma de como o currículo escolar é construído, e precisa estar sempre com o olhar voltado à escola, ao professor e ao aluno. A maior parte dos professores está condicionada aos modelos de educação que predominam há muitos anos, passada de gerações para gerações.

Essa maneira de como ensinam, já não atende a diversidade que hoje em dia encontramos em sala de aula. Por esse motivo é preciso inovar, e preocupar-se menos com a qualidade da ciência de seus conteúdos, e lembrar-se mais da humanidade de sua função.

É indispensável que a escola instaure ações. As ações mobilizam muito mais do que a teoria. A aprendizagem deve ser construída com as ações postas em prática, e não somente com as idealizações.

É de responsabilidade do professor refletir e colocar em prática essa reflexão, afim de gerar estratégias pedagógicas que ajudem o aluno. Não se pode fechar os olhos e fingir que o autismo não existe, é preciso buscar maneiras que possibilitem e facilitem a qualidade de vida do autista.

É de grande importância ter um olhar mais humano, e enxergar o ser de maneira inteira, mas também com suas limitações. A escola precisa buscar sempre trabalhar a individualidade do aluno, visando suas necessidades e desejos, com o intuito de sanar toda e qualquer dificuldade que possa existir.

No momento em que o aluno autista passa a fazer parte da escola, é importante que o professor faça a ponte para que a socialização e interação com os outros alunos ocorram. Sempre buscando maneiras diferentes de acolher essa criança, nunca esquecendo as suas necessidades, e visando a conquista de sua autonomia.

A afetividade do professor com esse aluno é o ponto inicial para a construção dessa autonomia. Mesmo sabendo que o autista tem uma grande dificuldade de

entender os sentimentos e a particularidade das pessoas, eles possuem emoções. E isso abre a possibilidade de um trabalho com a interpretação desses sentimentos.

4. OS COLABORADORES FUNDAMENTAIS PARA A INCLUSÃO

Nos tratamentos avançados para autistas, tudo se baseia em pesquisas e estudos feitos pela ciência. Pesquisas e estudos que se perduram por décadas nas maiores e mais renomadas instituições do mundo todo.

De acordo com esses estudos, há um conjunto de fatores e colaboradores, para que aja uma melhoria na adaptação social e qualidade de vida desse indivíduo.

A seguir, destaco os principais colaboradores para que a inclusão ocorra de forma positiva na sala de aula regular.

4.1. A família

O processo de inclusão escolar não depende somente do âmbito escolar. A família do indivíduo autista tem uma grande influência para o sucesso da inclusão.

Na grande maioria das vezes a descoberta do autismo faz com que a família deixe de participar de atividades sociais, traz dor e exclusão. É comum que os pais tenham uma maior preocupação, pois nem sempre conseguirão lidar com certas situações.

De acordo com Glat (2002), por mais perfeita que seja a família, haverá uma crise no momento da descoberta. Saber que o filho possui algum tipo de doença ou deficiência, de certa forma desestrutura qualquer tipo de família.

O tão esperado “filho perfeito”, esperto, cheio de saúde, capaz de superar qualquer limite e todo tipo de desafio, possuir uma deficiência destrói os planos para o futuro, e traz a certeza de que poderão se alvo de críticas e preconceito, pelo resto da vida.

Porém a maneira de como a família se posiciona diante dessa necessidade especial, será crucial para o desenvolvimento e inclusão dessa criança. A grande ajuda para esse indivíduo, não importando o grau do autismo, virá do âmbito familiar, que deverá focar na interação social, afetividade e na comunicação desse indivíduo.

É preciso em primeiro lugar a aceitação por parte da família, e assim haverá uma colaboração muito significativa para com a escola. Onde a família passa aos profissionais toda informação de comunicação, e comportamento dessa criança fora do âmbito escolar.

A família e a escola precisam ter uma sincronia nas ações e nas contribuições de aprendizagem desse indivíduo. Pois a maneira como o autista se comporta no meio natural deve ser a mesma no âmbito escolar, e vice-versa. A forma como se veste, anda, come, brinca, toma banho, dorme, ou os estímulos que recebe para o convívio social, devem ser iguais nos dois ambientes.

Se em casa o indivíduo escova os dentes sem o auxílio de ninguém, na escola o mesmo deverá ocorrer, ou se na escola o lanche é aberto por ele mesmo em casa também deve fazer a tarefa sozinho.

Os ambientes apesar de serem diferentes no físico, precisam ser parecidos nos objetivos e nas práticas voltadas a aprendizagem. Visando sempre a sua independência e autonomia na realização das tarefas básicas cotidianas.

4.2. Psicopedagogo

Os autistas enfrentam muitas dificuldades na sua trajetória escolar e o psicopedagogo por estudar sobre aprendizagem e seus processos, consegue identificar os transtornos e dificuldades que rodeiam a rotina escolar dessa criança.

Esse profissional é responsável por ajudar o professor a compreender seu aluno da forma mais ampla no TEA, em suas características e com técnicas que podem ser utilizadas em sala de aula.

O psicopedagogo é responsável em entender e ter a sensibilidade de que o autista aprende sim, mas também traz um grande ensinamento com sua bagagem de experiências, o que nunca pode deixar de ser levado em consideração.

Responsável por mediar a relação do professor e do aluno, procurando sempre construir um vínculo entre eles, e ensinar não só ao professor, mas à toda comunidade escolar, em como lidar e trabalhar com essas crianças, com foco em sua aprendizagem.

4.3. Fonoaudiólogo

O autista possui um grande prejuízo na comunicação e na linguagem, e é o fonoaudiólogo que irá fazer o estímulo dessas funções. O objetivo desse profissional é desenvolver a comunicação verbal e não verbal.

Se incentivado corretamente, esse indivíduo pode apresentar avanços na fala, na socialização, na comunicação não verbal, e ter melhora na sua autoestima.

O trabalho do fonoaudiólogo é realizado por fases. Em um primeiro momento o contato é feito através de troca de olhares e gestos, na intenção da comunicação. A colaboração da família é fundamental, pois irá aprender a dar nome e fazer estímulo à interação.

Depois do objetivo alcançado pela criança, a ação é abordar a fala através de questionamentos e imitação. A ação deve ser sempre executada durante a rotina diária, com a utilização de objetos que despertem o interesse na criança.

4.4. Intervenções Terapêuticas

A terapia cognitivo-comportamental é um dos métodos mais utilizados. Onde o terapeuta ajuda o indivíduo a reduzir as estereotipias, o comportamento de repetição e ensinar novas habilidades.

Uma das terapias também é o treinamento as habilidades sociais, pois uma de suas maiores dificuldades é com a interação social. O principal objetivo desse profissional é ensinar e colocar em prática a comunicação e a socialização dessa criança. Ensinar coisas que por mais simples que pareçam aos nossos olhos, para o autista é muito difícil, como por exemplo: dar continuidade em uma conversa, olhar no olho, identificar gestos, etc.

Esse treinamento pode ser iniciado através de simulações com situações sociais, e até através de contação de histórias. Com o passar do tempo e o alcance dos objetivos, o terapeuta pode ir aumentando o “nível” desse treinamento, envolvendo situações reais com outras crianças e na prática do dia a dia, comprando uma bala ou iniciando uma conversa com um amiguinho, por exemplo.

Um método bastante conhecido e utilizado ultimamente é o ABA, Applied Behavior Analysis (Análise do Comportamento Aplicado), que é um tipo de tratamento do comportamento colocado em prática por psicólogos, afim de corrigir problemas comportamentais com estímulos. Onde o profissional desenvolve estratégias específicas e treinamentos que estimulam de acordo com a compreensão da criança. Trabalha com reforçadores positivos, que ocorre quando uma ação produz uma consequência. Ou seja, há um estímulo após a resposta, o que não podemos confundir reforço positivo com recompensa.

O método ABA trabalha as mais variadas técnicas comportamentais que tem como objetivo o aprender, motivar e estimular a comunicação do autista. Visando integrar a criança no seu meio, e precisa necessariamente abranger todos os ambientes em que a criança convive.

Dentre as intervenções, está também a terapia ocupacional que tem por objetivo ensinar habilidades para uso no dia-a-dia, procurando fazer com a criança tenha mais autonomia. A terapia ocupacional busca treinar as habilidades de tomar banho, escovar os dentes, vestir-se, comer, pedir ajuda e se relacionar com outras pessoas, o tornando mais independente.

Uma das características do autista é a dificuldade de lidar com fatores sensoriais, como luzes, sons, cheiros. A terapia de integração sensorial tem a função de ajudar o autista a lidar com esses fatores, por exemplo, com o incômodo ao barulho de uma música em uma festa.

Também pode-se ensinar habilidades aos autistas utilizando o método TEACCH, Treatment and Education of Autistic and Related Communication-handicapped Children (Tratamento e Educação de Crianças com Autismo e Dificuldades de Comunicação) que usa pistas visuais, como figuras ou cartões que orientam a criança com passo a passo de como realizar ações cotidianas.

Um outro método muito parecido com o TEACCH é o método PECS, Picture Exchange Communications System (Sistema de Comunicação por Troca de Figuras), que também faz uso de figuras e cartões para realizar perguntas ou responder a perguntas, fazendo assim, um meio de conversação.

4.5. Grupos de apoio

Os grupos são na maior parte das vezes formado por pais, pesquisadores e profissionais diretamente ligados ao autismo. Pessoas que procuram divulgar e lutar pelos direitos do autista, sempre em busca da eliminação do preconceito.

Nos grupos de apoio são realizadas atividades com o objetivo de orientar e principalmente motivar as famílias que buscam por tratamentos, inclusão social, e até diagnóstico.

4.6. Mediador escolar

Por último, mas não menos importante, o mediador escolar tem uma função de extrema importância para que a inclusão ocorra. Ele é a ligação entre o professor, os pais e o autista.

O mediador age no âmbito escolar auxiliando o indivíduo em todos os cantos da escola. Esse profissional não deve facilitar as tarefas, mas mediar conflitos que possam surgir no cotidiano escolar.

Precisa a todo tempo estimular a comunicação e interação com as demais pessoas, garantir a participação do indivíduo na sala de aula, fazer correções de movimentos estereotipados e sempre acalmar essa criança em situações de irritabilidade.

Responsável também por acompanhar toda a evolução desse indivíduo, anotando e documentando tudo para repassar aos pais e ao psicopedagogo, para que caso aja algum comportamento irregular, juntos consigam realizar adaptações e solucionar possíveis problemas.

É de grande relevância que ocorram encontros entre os participantes e responsáveis pela inclusão desse aluno, para que juntos refaçam metas e abordem novas estratégias para auxiliar essa criança.

O objetivo desse profissional é ensinar ao autista a conquistar a sua independência na escola.

5. AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE AUXILIAM NA INCLUSÃO

Durante esta pesquisa ficou evidente que quando falamos de inclusão mais perto chegamos da diversidade. Quando o educador trabalha a inclusão, sua prática se firma em todas as diversidades, modalidades e níveis.

É preciso entender que nenhum autista é igual ao outro, cada um possui sua peculiaridade e sua própria essência. Existe também o que os médicos chamam de graus de autismo, o que normalmente os profissionais e pais não sabem identificar num primeiro momento, se o TEA é de grau leve, moderado ou severo. O atraso para essa descoberta é determinante na hora da intervenção da equipe multidisciplinar, quanto mais tardia, menos eficaz será.

Com isso o professor juntamente com a escola deve utilizar de um trabalho diversificado, tornando as práticas flexíveis à todos os graus do autismo.

Primeiramente a escola terá que fazer um planejamento de currículo com funcionalidade para o cotidiano do aluno, onde se trabalhem tarefas com praticidade em sincronia com a família. No começo serão as mais importantes, aumentando a dificuldade e quantidade de tarefas de acordo com o domínio do indivíduo.

É comum que as rotinas sejam modificadas e outras permaneçam, e para o autista a rotina é a sua segurança. Por meio das rotinas pode-se trabalhar o processo de ensino e aprendizagem. O aluno aprenderá e fará novas descobertas fora do seu “próprio mundo, de acordo com que as rotinas sejam rompidas.

Para que esse processo seja eficaz é necessário que aja amor, afetividade e segurança por parte do educador, pois estes serão os facilitadores na relação com o aluno. “É fundamental, por conseguinte, que a concepção na educação seja centrada prioritariamente no ser humano e não na patologia” (CUNHA, 2012, p. 53).

Uma das características do autista é não compreender a subjetividade das coisas, dessa maneira é preciso que o educador dê funcionalidade aos atos, mostrando sempre o que deve ser feito. É necessário a insistência por parte do professor, para alterar a má conduta e ensinar a melhor maneira desse indivíduo demonstrar suas vontades e sentimentos.

Diante do exposto é importante destacar algumas práticas pedagógicas afim de facilitar a inclusão do autista na sala de aula regular:

- Construir um currículo que avalie as habilidades do aluno já possui e quais precisa conquistar;
- Estabelecer uma relação de confiança;
- Estimular a capacidade de concentração do aluno nas atividades;
- Distrair com brincadeiras;
- Uso de materiais pedagógicos;
- Lançar-se no mundo autístico;
- Fazer com que sua rotina seja prazerosa;
- Ter a fala mansa, clara, explicativa e firme;
- Dar sempre nome às coisas e objetos;
- Buscar a atenção do aluno;
- Manter sempre o contato visual;
- Estimular a conversação;
- Fazer uma atividade por vez;
- Respeitar o tempo do aluno e as dificuldades;
- Ter um ambiente que possua em sua estrutura fotos, quadros, e imagens que o norteie sobre a rotina e atividades durante a semana;
- Executar atividades interativas explorando o sensorial;

5.1. Atividades interativas e materiais pedagógicos

Seja na sala de aula regular ou na sala de recursos, as atividades interativas precisam trazer estímulos e explorar o sensorial, para que ganhe o interesse do aluno e façam efeito sobre o comportamento do mesmo.

Essas atividades precisam ser voltadas para o sensorial, com a exploração de danças, músicas, histórias, e coisas concretas, e bastante visuais, como por exemplo, figuras, cards associativos, jogos, brincar com água, rasgar papel, recortar, colar, usar tinta com os dedinhos, rabiscar com lápis de cor, giz de cera, entre outros.

Tudo isso em busca de desenvolver coordenação motora ampla e fina, aliviar tensões, reduzir a ansiedade e desconstruir os comportamentos inadequados, dando funcionalidade aos movimentos e ações. O professor nunca pode deixar de observar a reação do seu aluno, pois algumas atividades podem causar efeito contrário, devendo assim buscar outra alternativa.

Os materiais pedagógicos são de grande importância e os responsáveis pela construção de conhecimento do aluno com TEA. Os materiais montessorianos são um exemplo de utilização em escolas comuns. Materiais de encaixes, com formas geométricas, com articulações em ordem de tamanho, peso e espessura, podem ser manuseados por qualquer aluno. O uso dessas peças estimulam a cognição e a coordenação motora, ensinam a percepção de diferenças e igualdades visuais e do tato.

O material pedagógico também pode ser confeccionado pelo próprio professor, com a utilização de materiais reciclados, como garrafas pet, tampinhas, latas, caixas, e etc.

6. PESQUISA DE CAMPO

Esta pesquisa de campo foi realizada através de entrevistas realizadas com a Psicopedagoga Wanessa Lira, as Professoras Giullia Rodrigues e Thamires Barros, e as Mães Maira Carla e Márcia Cristina. Ambas estão ligadas aos alunos Arthur e Miguel, na faixa etária de 4 anos, matriculados em turmas de Pré-I. Os dois estudam

em escolas particulares, na mesma região da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Chamaremos de escola de Arthur de escola A e a de Miguel de escola B. Tanto na escola A, quanto na escola B a autora desta pesquisa fez parte do quadro de funcionários e teve acesso ao processo de ensino-aprendizagem dos dois alunos.

6.1. Entrevista com a Psicopedagoga

As questões: os métodos que prefere trabalhar, as orientações e propostas de atividades ao educador, e intervenções da escola para a eficácia na inclusão.

A psicopedagoga respondeu que os métodos que coloca em prática e tem preferência por trabalhar são ABA e TEACCH. Ela analisa o comportamento e faz a intervenção de acordo com a necessidade do aluno.

Atualmente está atuando na escola A junto ao quadro efetivo de empregados. Sua principal função na escola é orientar pais, professores e estagiários em como lidar e trabalhar com os alunos que possuem algum tipo de necessidade especial.

A orientação dada aos educadores é que inicialmente ouçam os pais para saberem o histórico da criança, que busquem um aperfeiçoamento, novas formas de ensino e aprendizagem, e que estimulem a autonomia do aluno.

Quando perguntada sobre propostas de atividades que favoreçam a inclusão do TEA em sala de aula regular a profissional respondeu que indica pastas adaptadas. As pastas adaptadas são atividades de acordo com a necessidade da criança, por exemplo, se a criança está na fase de alfabetização, a pasta será com material específico sobre alfabetização e letramento.

Em sua visão, a escola para ter uma eficácia na inclusão do TEA, deve trabalhar no coletivo, mostrando para todos que estar junto de uma criança autista é algo bom, dando a oportunidade dos alunos conviverem entre si e aprenderem a lidar com suas diferenças. Sempre incentivando a qualificação e a busca de conhecimento de seus profissionais para que saibam lidar com as dificuldades de seus alunos.

Quando perguntei se acredita na inclusão de todos os alunos com TEA, a profissional respondeu que acredita sim, porém é preciso pôr em prática tudo o que falamos ao decorrer da pesquisa. A parceria entre a escola, o professor, família e os profissionais responsáveis pelo tratamento desse indivíduo é o ponto crucial, para que haja uma troca sobre as maneiras que facilitem o processo de ensino-aprendizagem e o acesso das atividades sociais dessa criança.

6.2. Entrevistas com a professora e a mãe de Arthur

A professora Giullia Rodrigues atualmente trabalha na escola A, e possui em sua classe o aluno Arthur, diagnosticado com Autismo atípico e TDAH. A professora quando questionada do que é autismo, responde que é um transtorno de desenvolvimento que tem como principal característica a dificuldade de comunicação.

Em sua concepção ao incluir o aluno autista, haverá uma melhora em sua comunicação. Ela conta que quando soube teria em sua turma um aluno autista, se sentiu desafiada, porque sabia que o processo de aprendizagem dele seria diferente dos outros alunos, e sentiu-se feliz porque sempre teve interesse e boa relação com crianças especiais.

A atividade que mais coloca em prática em sala de aula para incluir o Arthur são atividades em roda e em grupo, pois acredita que assim melhora a interação dos alunos entre si. Na sua visão o aluno já teve uma notória melhora na parte escrita e de coordenação motora fina, desde o início da prática citada por ela.

A professora informa que a escola oferece suporte para o aluno autista, pois dispõe de profissionais qualificados que fazem a parte da orientação e traçam estratégias, e também disponibilizam materiais especializados para a inclusão.

A mãe de Arthur, Maira Carla, conta que ele não falava e apresentava alguns aspectos que a deixava em dúvida. O aluno estudou em uma outra escola que nunca sinalizou nenhum tipo de alerta em relação ao comportamento de seu filho.

A mãe descobriu que seu filho apresentava um comportamento diferente das demais crianças da mesma faixa etária, quando começou a estudar na escola A, onde a professora sinalizou e a orientou procurar especialistas para a investigação. Maira relata que o fechamento do laudo de Arthur demorou em torno de um ano.

Quando questionada se o seu filho já foi excluído em algum ambiente, a mãe responde que às vezes alguns profissionais deixam a desejar, por exemplo, numa apresentação de dança na escola, acabam o deixando de lado por ele apresentar algumas limitações, que ao seu ver deveria ser o inverso.

Que uma vez que se tenha uma criança que tenha mais dificuldade, maior deve ser o empenho desse profissional, porque de uma certa forma essa criança precisa de uma atenção um pouco maior do que os demais.

Em sua opinião como profissional da área da educação, a parceria entre a família, o professor e a escola deve existir, para o bom desenvolvimento do aluno, porém nem sempre isso acontece. Pois as vezes ocorre o conflito de pensamentos, e principalmente o conflito familiar, que dificulta a comunicação com a escola. Ela relata que acha fundamental, e que até o momento a escola e a professora tem dado os retornos que ela precisa.

Coloca em questão a chegada de uma psicopedagoga na escola A, que foi um ganho muito grande, pois ela chegou pra auxiliar, supervisionar e orientar os profissionais a lidar, entender e ter um olhar diferente para essas crianças, que agora estão tendo a devida importância. A escola está se adequando para receber esse tipo de aluno, isso é inclusão.

Reconhece que em relação a aprendizagem, seu filho tem suas limitações e que aprende no tempo dele, ela diz respeitar isso. Relata que Arthur começou a desenvolver a fala esse ano, e no começo ele só repetia palavras, hoje ele já consegue formar frases, teve melhora na coordenação motora e na escrita, tem mais firmeza e consegue segurar o lápis, ele reconhece as vogais e números, sabe contar. Sabe que ele ainda não consegue acompanhar a proposta da escola, pois o ensino é puxado, mas como mãe está feliz pelo desenvolvimento descrito. “São pequenos detalhes que fazem a diferença”, diz a mãe.

Como mãe ela deixa um incentivo para as mães que receberam o diagnóstico recentemente. Que é normal que exista uma angústia, e questionamentos se a criança realmente tem alguma coisa, se tem, o que tem. Quando se recebe o diagnóstico é um choque, porque você sempre espera que seu filho seja perfeito e não tenha dificuldade nenhuma.

O primeiro passo é respirar e ir de acordo com as necessidades do seu filho. Buscar a ajuda dos especialistas, o tratamento, medicações, terapia e métodos. Ele nunca vai deixar de ser seu filho, irá desenvolver no tempo dele e que é muito bom descobrir precocemente, pois realizando o tratamento precoce é maior a chance ter uma qualidade de vida melhor.

6.3. Entrevistas com a professora e a mãe de Miguel

Thamires Barros é professora de educação infantil na escola B, e atualmente tem o Miguel em sua classe, o aluno possui TEA de grau leve não verbal. Ao ser questionada do que é autismo, a professora responde que é um transtorno de desenvolvimento que prejudica a capacidade de se comunicar e interagir.

A professora diz que em sua concepção quanto mais inclusa a criança autista estiver, maiores as chances de interação com o outro e de aperfeiçoamento de suas habilidades comunicativas. Ela relata que ao saber que Miguel seria seu aluno ela ficou muito entusiasmada e criou uma grande expectativa, ela já o conhecia do ambiente escolar.

O ser perguntada sobre qual o tipo de atividades desenvolve para incluir o Miguel na sala de aula, ela prontamente respondeu que desenvolve uma rotina diária, faz adaptações ao tempo e ao contexto das atividades psicomotoras, utiliza cards para visualização e comunicação (já que o aluno é não verbal), estabelece regras de convívio, entre outras atividades.

Em sua opinião o aluno apresentou grandes avanços, pois agora ele socializa com as outras crianças, o que não ocorria antes. Brinca e divide os brinquedos, é muito

carinhoso, presta atenção e atende os comandos, senta para realizar as atividades propostas e emite sons na tentativa de produzir a fala.

De acordo com a professora, a escola B não oferece nenhum tipo de suporte ou recurso para a inclusão do aluno autista. Ela informa que buscou com a mãe do aluno o contato da terapeuta, da fonoaudióloga e da psicopedagoga, para encontrar a melhor maneira de trabalhar o desenvolvimento de seu aluno.

Márcia Cristina, mãe de Miguel relatou que começou a perceber que havia algo de diferente com seu filho com meses de vida. Miguel não a olhava na hora da amamentação, não acompanhava suas brincadeiras, não reagia a estímulos e ao ser chamado pelo nome. Na escola foi chamada pela primeira professora, que fez algumas perguntas e a orientou a leva-lo num especialista para a investigação.

Quando questionada se Miguel já sofreu exclusão em algum ambiente, a mãe diz que não permite que ele sofra exclusão. Que em sua opinião a exclusão começa em casa quando os pais têm vergonha de levar o filho na praça, em uma festa ou não o deixa brincar com os amiguinhos.

Diz que ensina às outras crianças de forma diferente a brincarem da maneira do seu filho, que o leva em todos os lugares e deixa claro que Miguel não tem que se adaptar e sim as pessoas e os ambientes precisam adaptar-se à ele. E quando percebe que alguém o olha diferente, ela se aproxima e explica o TEA, diz que o que muitas vezes o que falta é a informação.

Perguntei à Marcia se existe uma parceria entre a escola, a professora e a família, ela me respondeu que a professora tem muita importância no desenvolvimento de Miguel, que ela não tinha nenhum conhecimento sobre autismo, mas buscou respostas junto aos terapeutas, para lidar com ele no dia a dia. Está muito satisfeita com a professora e diz que ela foi a melhor professora que seu filho teve até hoje, pois ela exerce sua profissão por amor.

Na opinião da mãe de Miguel a escola B precisa treinar sua equipe para aprender a lidar com o seu filho e com outras crianças portadoras de necessidades especiais, e contratar profissionais terapeutas para cuidar do desenvolvimento dessas crianças.

A mãe diz que hoje o que ela busca é a autonomia de seu filho, como ir ao banheiro, escovar os dentes, ir na geladeira beber água e pegar o biscoito que ele precisa. Diz que já pode perceber mudanças em seu dia a dia, mas sabe que para ele é uma coisa de cada vez e tudo que ela quer é vê-lo feliz.

Márcia conta que quando foi fazer avaliação na neuropediatria, Miguel ficou sob observação por uma hora, foi observado tudo o que ele fazia. Ao final a doutora disse o que já sabia e confirmou o diagnóstico. Ela lembra que na descoberta chorou muito, o beijou e abraçou e disse que mesmo se ele não falasse no futuro, ela prometia que seria a voz dele pelo resto da vida, e iria até o fim do mundo para lhe dar qualidade de vida.

Deixa um incentivo às mães que receberam recentemente o diagnóstico. Que procurem e pesquisem sobre o autismo, para compreender e saber lidar com seu filho. Com muito amor e paciência busquem a equipe multidisciplinar (fonoaudióloga, psicopedagoga, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta). E acreditem que tudo que você faça pelo seu filho lhe trará resultado, pois hoje ela consegue enxergar que Miguel é visto na escola.

Nunca desista do seu filho, pois você é mais que especial por ter sido escolhida por Deus para cuidar, proteger e amar incondicionalmente essa criança. Viva um dia de cada vez e não deixe seu filho perder a infância por causa de terapias, pois a melhor terapia que existe é o amor.

Relata que se sente muito orgulhosa, pois seu filho a ensina muita coisa e não consegue imaginar sua vida sem ele. Márcia chama Miguel de anjo e afirma que ele é o seu maior presente e que não poderia ser outro, tinha que ser ele. “Falar mamãe qualquer criança fala. Meu filho fala de uma forma tão nossa, que posso sentir com o meu coração quando me chama de mamãe”.

Pode-se observar com as entrevistas que há uma grande necessidade de que a escola apoie, disponibilize materiais, e profissionais especializados para orientação e treinamento de seus professores para lidarem e entenderem os alunos com necessidades especiais. E que é de grande valia a parceria entre a família, a escola, a professora e a equipe multidisciplinar, juntos em prol de traçar estratégias para o melhor desenvolvimento desse aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa foi observado que a inclusão é um desafio, pois ao receber alunos com autismo ou qualquer outra necessidade especial, a escola é desafiada a adequar os ambientes, a metodologia e o currículo. O despreparo dos professores também é um desafio, visto a importância de incluir o autista na sala de aula regular, na busca de atender as necessidades desse aluno.

O despreparo dos professores pode causar um sério prejuízo educacional. Para construir uma escola inclusiva é preciso focar na formação e qualificação dos professores. Os professores precisam preparar-se para lidar com a diversidade do aluno com necessidades educacionais especiais. Tendo em vista que os alunos autistas podem apresentar algumas particularidades.

Com relação a questão desta pesquisa, de quais ações pedagógicas facilitam a inclusão do aluno autista, observa-se que é importante construir práticas pedagógicas que atendam as peculiaridades desses alunos, e que tornem realmente a escola num espaço de educação para todos, sem restrições.

Tendo em vista que os professores precisam de mais apoio por parte da escola, entretanto, alguns agem por conta própria e fazem o possível para que se obtenha conhecimento e assim, consigam o desenvolvimento de seus alunos, sempre praticando a inclusão.

A inclusão do autista na sala de aula regular é fundamental, pois irá prepara-lo para a vida em sociedade, trazendo a oportunidade de convívio com as demais crianças. Porém é necessário que os professores estejam capacitados para o atendimento dessas crianças, e que exista a parceria com a família, pois o objetivo dessa inclusão é que se tornem mais independentes e autônomas.

Diante do exposto, o que se espera é que esses alunos sejam acolhidos em sala de aula, livres de qualquer preconceito e amparados pela lei. Mesmo sendo desafiadora essa tarefa, é de extrema importância que cada profissional envolvido nesse processo

saiba sua função, indo em busca do respeito às diferenças e de uma sociedade com mais humanidade, justiça e principalmente amor.

Percebe-se que mesmo com os avanços dos estudos nos últimos anos, ainda é de extrema importância continuar as pesquisas sobre esse assunto, pois o conhecimento deve se aperfeiçoar constantemente.

REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice A; CAMARGO, Sílvia P.H Competência Social, Inclusão Escolar e Autismo: um estudo de caso comparativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Jul.-Set. 2012, Vol. 28 n.3, p. 1-9.

BUENO, José G. S. Crianças com Necessidades Educativas Especiais, Política Educacional e a Formação de Professores: Generalistas ou Especialistas? **Revista Brasileira de Educação Especial**, n.º5 set. 1999, p.7-23.

BRASIL, Lei nº12.764/12, de 27 de dezembro de 2012. **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 27/08/2018.

BRASIL, Lei nº13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 29/08/2018.

BRASIL, Deliberação E/CME nº. 24, de 3 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4426570/4111304/DeliberacaoCME242012.doc>. Acesso em: 01/09/2018.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 01/09/2018.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.** 7 ed. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2017.

CUNHA, Eugênio. **Práticas Pedagógicas para a Inclusão e Diversidade.** 6 ed. Rio de Janeiro. Wak Editora, 2016.

FACÍON, J. R. **Inclusão Escolar e suas Implicações.** Editora IBPEX, 2 ed. 2008.

GLAT, Rosana; DUQUE, Maria Auxiliadora T. **Convivendo com filhos especiais: o olhar paterno.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 2002.

GLAT, Rosana; PLATSCH, Márcia D. **Inclusão Escolar de Alunos com Necessidades Especiais.** 2 ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

GONÇALVES, Cláudia; CASTRO, Mariana. Propostas de intervenção fonoaudiológica no autismo infantil: revisão sistemática da literatura. **Distúrb Comun**, São Paulo, 25 (1): 15-25, abril, 2013.

MARTINS, Lúcia. A. R. **A inclusão escolar do portador da síndrome de Down: o que pensam os educadores?** 1 ed. Natal: EDUFRN, 2003.

OMOTE, Sadao; SAMPAIO, Anna A.; RAMOS, Luciana B.; SARTORETO, Sandra E. Mudança de Atitudes Sociais em Relação à Inclusão. **Paidéia**. Set.-Dez. 2005, 15, p. 1-10.

ORRÚ, S. E. A formação de professores e a educação de autistas. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 33, n. 1, p. 1-14, 15 mar. 2003.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo**. 4 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.